

SILENCIAMENTOS E RESISTÊNCIAS: CULTURAS JUVENIS E ESCOLA EM DISPUTA

SILENCING AND RESISTANCE: YOUTH CULTURES AND SCHOOL IN DISPUTE

SILENCIAMIENTOS Y RESISTENCIAS: CULTURAS JUVENILES Y ESCUELA EN DISPUTA

Any Giselle Ferreira de Araujo¹

Iordan Moreno da Silva²

Rozana Batista de Oliveira³

Ana Maria Nóbrega Moreno⁴

RESUMO: Este artigo propõe uma reflexão crítica sobre a relação entre juventude, cultura e escola, a partir de uma pesquisa exploratória e do arcabouço teórico que reconhece os jovens como sujeitos sociais e produtores de cultura. Partindo do entendimento de que a escola ainda opera, em muitos contextos, sob uma lógica de silenciamento das expressões juvenis, busca-se compreender como as culturas juvenis podem ser legitimadas no cotidiano escolar como forma de fortalecer a formação integral e o protagonismo juvenil. A pesquisa combinou referencial bibliográfico com levantamento de dados via questionário aplicado aos discentes do Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT). Os resultados apontam tensões, mas também experiências exitosas que indicam a possibilidade de uma educação mais dialógica, inclusiva e significativa.

1

Palavras-chave: Juventude. Cultura escolar. Formação integral. Protagonismo.

ABSTRACT: This article proposes a critical reflection on the relationship between youth, culture and school, based on an exploratory research and the theoretical framework that recognizes young people as social subjects and producers of culture. Starting from the understanding that the school still operates, in many contexts, under a logic of silencing youth expressions, it seeks to understand how youth cultures can be legitimized in the school daily life as a way to strengthen integral education and youth protagonism. The research combined bibliographic reference with data collection via questionnaire applied to students of the Professional Master's Degree in Professional and Technological Education (ProfEPT). The results point to tensions, but also successful experiences that indicate the possibility of a more dialogical, inclusive and meaningful education.

Keywords: Youth. School culture. Integral education. Protagonism.

¹Mestra em Educação Profissional e Tecnológica, Bacharel em Serviço Social.

²Mestre em Educação Profissional e Tecnológica, Historiador.

³Mestra em Educação Profissional e Tecnológica, Licenciatura em Letras.

⁴Especialista em Prática Judiciária, Licenciatura em Letras e Direito.

RESUMEN: Este artículo propone una reflexión crítica sobre la relación entre juventud, cultura y escuela, basada en una investigación exploratoria y en el marco teórico que reconoce a los jóvenes como sujetos sociales y productores de cultura. Partiendo de la comprensión de que la escuela sigue operando, en muchos contextos, bajo una lógica de silenciar las expresiones juveniles, busca comprender cómo las culturas juveniles pueden legitimarse en la vida diaria escolar como una forma de fortalecer la educación integral y el protagonismo juvenil. La investigación combinó la referencia bibliográfica con la recopilación de datos mediante cuestionario aplicado a estudiantes del Máster Profesional en Educación Profesional y Tecnológica (ProfEPT). Los resultados apuntan a tensiones, pero también a experiencias exitosas que muestran la posibilidad de una educación más dialogada, inclusiva y significativa.

Palabras clave: Juventud. Cultura escolar. Educación integral. Protagonismo.

I. INTRODUÇÃO

A escola, enquanto espaço de formação humana, encontra-se permanentemente atravessada por disputas de sentido, valores e saberes. Em meio às rápidas transformações tecnológicas, ao aprofundamento das desigualdades sociais e às novas formas de sociabilidade juvenil, torna-se cada vez mais evidente o desafio de construir uma educação que dialogue com a pluralidade das juventudes. Este artigo nasce do incômodo provocado pela constatação de que, em muitos contextos, as instituições escolares ainda operam sob uma lógica que silencia, marginaliza ou ignora as manifestações culturais juvenis — tratando os jovens não como sujeitos plenos, mas como "vir a ser", desconsiderando suas linguagens, estéticas e modos de estar no mundo.

2

O ponto de partida desta reflexão é o entendimento de que a juventude não deve ser vista apenas como uma fase de transição, mas como uma condição social marcada por experiências múltiplas e situadas, atravessadas por questões de classe, raça, gênero, território e acesso a direitos. As culturas juvenis, expressas nas artes urbanas, nas redes sociais digitais, nas estéticas periféricas e nas formas de resistência simbólica, revelam uma potência criadora que desafia a rigidez da cultura escolar tradicional. Neste cenário, a escola pode ser tanto um espaço de reprodução de exclusões quanto um território fértil para o reconhecimento, a escuta e a emancipação.

Assim, este artigo propõe uma reflexão crítica sobre a relação entre juventude, cultura e escola, a partir de uma pesquisa exploratória realizada com mestrandos(as) da Rede Federal. A pesquisa teve origem nas discussões e atividades desenvolvidas no âmbito da disciplina Juventude, Trabalho e Escola, cursada no Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT). Uma das atividades propostas na disciplina possibilitou aos mestrandos refletir sobre as relações entre juventude, cultura e escola, suscitando

questionamentos acerca do modo como as manifestações e experiências juvenis são reconhecidas — ou silenciadas — no cotidiano escolar. A partir dessas reflexões, foi realizado o levantamento empírico apresentado neste artigo, buscando articular as percepções dos participantes aos referenciais teóricos que reconhecem os jovens como sujeitos sociais e produtores de sentidos e cultura. Nesse sentido, busca-se compreender de que maneira as culturas juvenis podem ser incorporadas ao cotidiano escolar, preservando sua potência crítica e contribuindo para o fortalecimento da formação integral e do protagonismo juvenil. Trata-se, portanto, de refletir sobre as possibilidades de construção de uma escola mais justa, plural e comprometida com os sujeitos que a constituem.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

Juventude como categoria social e processo de socialização

A juventude é frequentemente concebida como uma fase de transição entre a infância e a vida adulta. No entanto, essa visão simplificada desconsidera a complexidade das experiências juvenis e suas determinações sociais, culturais e históricas. Autores como Dayrell (2003) e Pais (1993) destacam que a juventude deve ser compreendida como uma condição social, marcada por experiências, vivências e significados próprios. Assim, não se trata apenas de uma etapa biológica ou cronológica, mas de uma construção social atravessada por variáveis como classe, gênero, etnia, território e acesso a direitos sociais.

Segundo Dayrell (2003), o jovem é um sujeito social, produtor de sentidos e cultura, que se constitui nas relações sociais e nos espaços que ocupa. Ele enfatiza que é preciso romper com a ideia de juventude como um "vir a ser", uma etapa em direção à vida adulta, para reconhecê-la como um "ser" pleno, que vive o presente com intensidade, criatividade e contradições. Tal compreensão desconstrói estereótipos que posicionam os jovens como imaturos, irresponsáveis ou propensos à marginalidade. Ao contrário, reconhece sua agência, capacidade de resistência e produção simbólica.

A socialização juvenil ocorre em múltiplos espaços que vão além da família e da escola. As ruas, os coletivos culturais, as redes sociais digitais, as igrejas, os grupos de amigos, os movimentos sociais e as vivências do trabalho informal são alguns dos lugares onde os jovens constroem suas identidades. Cada espaço contribui para formar um mosaico de referências que influenciam seus valores, seus afetos e suas formas de ver o mundo. A juventude é, portanto, atravessada por múltiplas vozes, temporalidades e pertencimentos.

Nas periferias urbanas, por exemplo, observamos o florescimento de coletivos de jovens que promovem slams de poesia, batalhas de rima, oficinas de grafite e rodas culturais. Esses espaços funcionam como alternativas ao silenciamento promovido por instituições tradicionais e se tornam verdadeiros territórios de resistência e criação. São lugares onde se aprende e se ensina, onde se compartilha dor, luta e alegria. A potência desses espaços desafia a visão reducionista da juventude como apenas consumidora de cultura: os jovens são criadores, curadores e difusores de saberes.

As redes sociais digitais também exercem um papel fundamental no processo de socialização contemporâneo. Plataformas como TikTok, Instagram, YouTube e Twitter não apenas disseminam tendências, mas também funcionam como arenas de debate político, de denúncia de desigualdades e de afirmação identitária. Jovens LGBTQIA+, indígenas, negros e periféricos têm encontrado nesses meios formas de visibilizar suas pautas e disputar narrativas hegemônicas. A juventude online não é passiva - ela questiona, contesta e propõe.

A multiplicidade das dinâmicas de socialização aponta para a pluralidade das juventudes. Como defendem Margulis e Urresti (2000), existem muitas maneiras de ser jovem, e tais distinções são determinadas por condições objetivas de vida, como moradia, renda familiar, acesso à educação e cultura, experiências com a violência ou com o racismo institucional. É urgente, portanto, superar a ideia de uma juventude universal, homogênea e neutra. Cada jovem carrega uma história e um contexto que moldam sua trajetória.

Ao tratar a juventude como uma categoria social, ampliamos nosso olhar para além dos indicadores estatísticos ou das faixas etárias. Passamos a considerar os sujeitos em sua integralidade, entendendo que suas práticas, valores e linguagens têm coerência interna e respondem a condições estruturais e históricas. Ao fazer isso, também nos abrimos à possibilidade de aprender com os jovens e de construir políticas públicas e projetos educativos que façam sentido para suas vidas.

Portanto, reconhecer a juventude como sujeito social não é apenas um exercício conceitual. É um ato político, que nos convida a escutar, dialogar e co-construir espaços sociais mais justos e inclusivos. É admitir que os jovens não são o futuro: são o presente, pulsante e cheio de potência.

Culturas juvenis e a escola

As culturas juvenis são formas dinâmicas e multifacetadas de expressão simbólica, coletiva e identitária dos jovens. Elas se manifestam por meio de estéticas, músicas, linguagens, roupas, danças, modos de ocupação do espaço urbano e do espaço virtual. Conforme argumentam Martins e Carrano (2011), os jovens criam territórios culturalmente expressivos nos quais produzem sentidos coletivos, afirmam identidades e constroem pertencimentos. Esses territórios culturais não são apenas locais físicos, mas também simbólicos, onde as juventudes se reconhecem e se articulam em rede.

No entanto, apesar dessa riqueza expressiva, a escola tradicional ainda resiste em dialogar com tais manifestações. O ambiente escolar, frequentemente pautado por normas rígidas e valores conservadores, tende a invisibilizar ou rejeitar essas expressões. A cultura escolar ainda é fortemente marcada por um modelo homogêneo, disciplinador e normativo, que pouco reconhece as diferentes formas de ser e estar dos jovens. Isso gera um distanciamento entre o que é vivido fora da escola e o que é valorizado dentro dela.

Essa distância entre as experiências dos estudantes e os conhecimentos e práticas legitimados pela escola também pode ser analisada a partir da atenção às diferenças culturais. Candau (2011) contribui para essa discussão ao evidenciar os desafios que a diversidade coloca ao cotidiano escolar e às práticas pedagógicas. A questão, nesse sentido, não se limita à presença de diferentes culturas na escola, mas envolve a criação de condições para que essas diferenças sejam reconhecidas e consideradas nos processos educativos.

Essa tensão se evidencia quando observamos a forma como os estilos musicais juvenis são tratados no cotidiano escolar. Funk, rap, hip-hop, trap, piseiro, entre outros, são vistos com preconceito e associados a comportamentos desviantes ou à falta de conteúdo intelectual. No entanto, como afirma Sposito (1999), a música tem papel fundamental na construção das sociabilidades juvenis. Ela é um canal de expressão de afetos, de crítica social, de construção de narrativas próprias. Ao desprezar esses gêneros, a escola despreza também os sujeitos que os produzem e consomem.

A exclusão das culturas juvenis do espaço escolar não se dá apenas de forma explícita. Muitas vezes, ela ocorre de maneira sutil, através da ausência de conteúdos culturais contemporâneos nos currículos, da negação da linguagem dos jovens em sala de aula, da proibição de certos estilos de vestir ou de se expressar. A escola, nesse sentido, transforma-se

num espaço hostil, onde o jovem não se reconhece e, por isso, desmotiva-se, afasta-se ou se rebela.

Essa discussão sobre o reconhecimento das experiências juvenis também envolve o currículo. Moreira e Câmara (2008) permitem compreender a relação entre currículo e identidade, uma vez que os conhecimentos e referências selecionados e valorizados pela escola participam das formas pelas quais os sujeitos podem se reconhecer e ser reconhecidos no espaço educativo. Assim, discutir as culturas juvenis implica também refletir sobre quais conhecimentos, linguagens e experiências encontram espaço de legitimidade no currículo escolar.

Práticas pedagógicas, diálogo e interculturalidade

Por outro lado, experiências escolares que acolhem, reconhecem e valorizam as culturas juvenis têm demonstrado resultados positivos e transformadores. Projetos de educação, oficinas de produção audiovisual, feiras culturais, saraus, rodas de conversa, clubes de leitura com obras da literatura marginal e encontros com artistas locais têm se mostrado estratégias eficazes para aproximar a escola da realidade dos estudantes. Esses espaços tornam a escola mais viva, mais próxima das juventudes e mais aberta ao diálogo.

6

Um exemplo concreto vem de uma escola pública que promove batalhas de poesia entre os estudantes, inspiradas nos slams de rua. Nessas atividades, os jovens têm a oportunidade de falar sobre suas vivências, seus sonhos, suas críticas sociais. Professores atuam como mediadores, e a gestão escolar dá suporte institucional. Os resultados são significativos: estudantes que antes eram tímidos ou distantes passam a participar ativamente das atividades escolares, desenvolvendo competências de leitura, escrita e oralidade de forma prazerosa e significativa.

Tais iniciativas podem ser compreendidas em uma perspectiva intercultural quando procuram estabelecer relações entre diferentes modos de viver, produzir sentidos e participar da escola. Santos e Queiroz (2021), ao discutirem práticas pedagógicas interculturais, destacam a importância de reconhecer as diferenças presentes na sala de aula e favorecer relações educativas baseadas no diálogo e na valorização dos sujeitos. Esta abordagem contribui para pensar práticas escolares que não tratem a diversidade como obstáculo, mas como parte das relações que constituem o processo educativo.

A incorporação das culturas juvenis ao ambiente escolar não deve ser feita de forma folclórica ou superficial, mas com respeito, escuta e intencionalidade pedagógica. É necessário que professores estejam abertos a aprender com os estudantes, que a gestão escolar compreenda a diversidade como riqueza, e que o currículo seja flexível e sensível às diferentes realidades. Isso significa romper com a lógica de transmissão de conteúdos e apostar numa pedagogia da escuta e da construção coletiva do conhecimento.

A contribuição de Walsh (2009) permite aprofundar essa questão ao distinguir diferentes formas de compreender a interculturalidade. Uma abordagem funcional pode reconhecer a diversidade sem colocar em discussão as relações sociais que produzem desigualdades e hierarquizações. Já uma perspectiva crítica procura problematizar essas relações e considerar os processos históricos que atravessam os grupos e sujeitos. Para a escola, a diferenciação proposta pela autora é relevante porque impede que o reconhecimento das culturas juvenis se restrinja a ações pontuais ou comemorativas e favorece uma reflexão sobre as condições que produzem reconhecimento, silenciamento e desigualdade.

Além disso, é fundamental que as escolas enfrentem o racismo, o machismo, a LGBTfobia e outras formas de opressão que atravessam as culturas juvenis. Muitos jovens são silenciados por serem negros, periféricos, LGBTQIA+, indígenas. Suas culturas são vistas como ameaçadoras porque questionam as normas estabelecidas. A escola que se propõe democrática precisa estar comprometida com a justiça social e com o enfrentamento das desigualdades estruturais.

Reconhecer as culturas juvenis como saberes legítimos é, portanto, um gesto político e pedagógico. É reconhecer que a juventude é produtora de conhecimento, de estética, de linguagem. É admitir que os muros da escola não podem conter o mundo — e que esse mundo já está presente nas mochilas, nos fones de ouvido, nos celulares e nas subjetividades dos estudantes. Cabe à escola abrir as portas, escutar, aprender e construir com eles.

Em suma, é preciso deslocar o olhar: em vez de ver os jovens como problema, vê-los como potência. As culturas juvenis não são obstáculos à aprendizagem; são pontes. E, como toda ponte, elas ligam margens, criam caminhos e possibilitam encontros. O papel da escola, nesse processo, é ser espaço de travessia — travessia que se faz com diálogo, respeito e reconhecimento mútuo.

Análise dos dados empíricos: percepções sobre juventude, cultura e escola

A fim de aprofundar a reflexão proposta neste ensaio, foi realizada uma pesquisa exploratória com 12 participantes, por meio do Google Forms, sobre a relação entre juventude, cultura e escola. Os resultados, expressos em gráficos e respostas abertas, reforçam as tensões discutidas ao longo do texto, ao mesmo tempo em que apontam caminhos possíveis para uma educação mais plural, inclusiva e dialógica.

3. METODOLOGIA

Análise dos Dados: Vozes de Mestrandos Sobre Juventude, Cultura e Escola

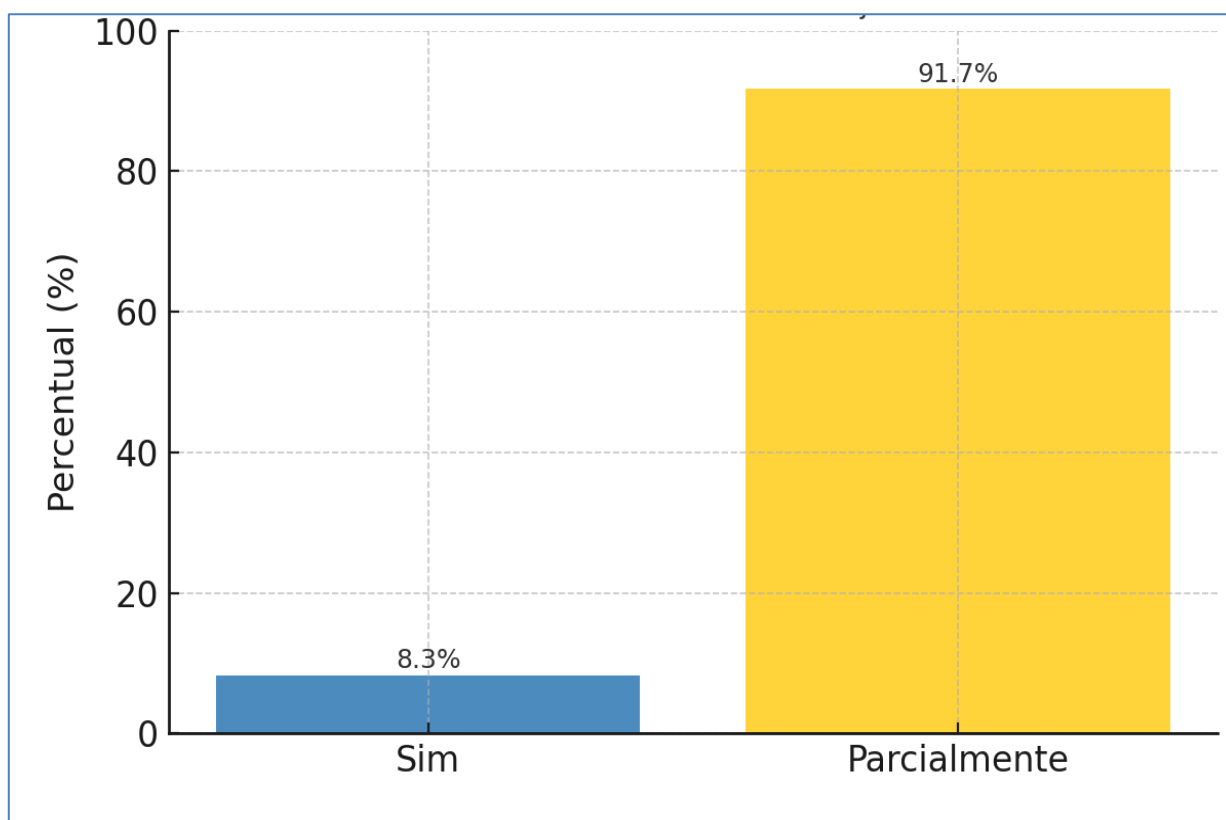
Com o objetivo de aprofundar a compreensão sobre a relação entre juventude, cultura e escola, esta pesquisa realizou uma sondagem empírica com 12 mestrandos do Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT) do Instituto Federal da Paraíba – Campus João Pessoa. Trata-se de uma pesquisa exploratória, de abordagem quali-quantitativa, desenvolvida mediante levantamento bibliográfico e coleta de dados empíricos. Utilizou-se como instrumento um questionário online, contendo perguntas abertas e fechadas, elaborado e disponibilizado por meio da plataforma Google Forms. O questionário buscou identificar as percepções dos participantes acerca do reconhecimento das culturas juvenis pela escola, da presença de práticas pedagógicas relacionadas às expressões culturais dos jovens, da valorização das vivências juvenis pelos docentes e da contribuição dessas culturas para a formação integral.

A participação ocorreu de forma voluntária, preservando-se o anonimato dos respondentes e a confidencialidade das informações fornecidas. Os dados provenientes das questões fechadas foram submetidos à análise descritiva, já as respostas às questões abertas as respostas obtidas através da nuvem de palavras foram sistematizadas por meio da identificação dos termos mais recorrentes, empregada como recurso de síntese visual das percepções apresentadas pelos participantes.

A análise dos dados obtidos foi articulada a uma abordagem teórico-bibliográfica, com base em autores como Dayrell (2003), Pais (1993), Margulis e Urresti (2000), Martins e Carrano (2011) e Sposito (1999). Essa articulação permitiu relacionar as percepções dos participantes às discussões teóricas sobre juventude como categoria social, culturas juvenis, socialização e cultura escolar.

O levantamento revelou percepções importantes sobre o espaço que a escola oferece às culturas juvenis, evidenciando tensões entre o modelo tradicional e práticas pedagógicas inovadoras. Considerando o caráter exploratório da pesquisa e o número reduzido de participantes, os resultados não pretendem representar a totalidade dos estudantes do ProfEPT nem permitir generalizações sobre a realidade escolar. Eles expressam as percepções específicas do grupo investigado e oferecem elementos para a reflexão e o aprofundamento de estudos posteriores. A seguir, apresentamos uma análise dos principais gráficos gerados a partir das respostas dos participantes.

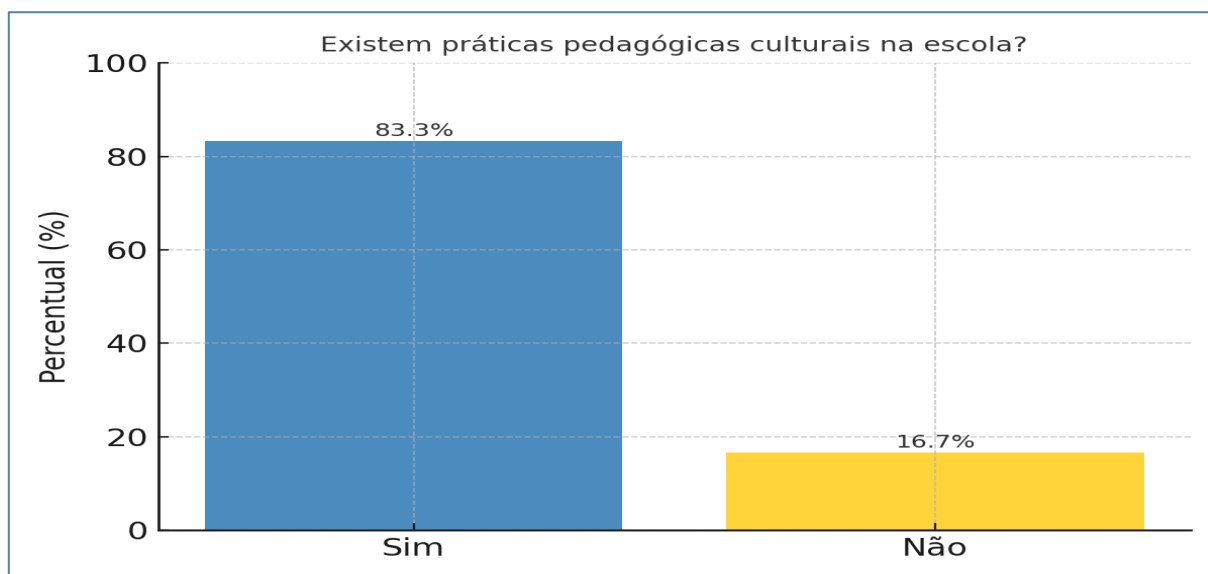
Gráfico 1 – Reconhecimento das culturas juvenis pela escola



Fonte: Dados da pesquisa, 2025.

Segundo os dados, 91,7% dos mestrandos consideram que a escola reconhece apenas parcialmente as culturas juvenis. Apenas 8,3% afirmaram que há um reconhecimento efetivo. Esse resultado reforça a ideia de que a escola ainda opera, em grande medida, com base em uma lógica homogeneizadora, na qual as linguagens e expressões juvenis não são plenamente legitimadas.

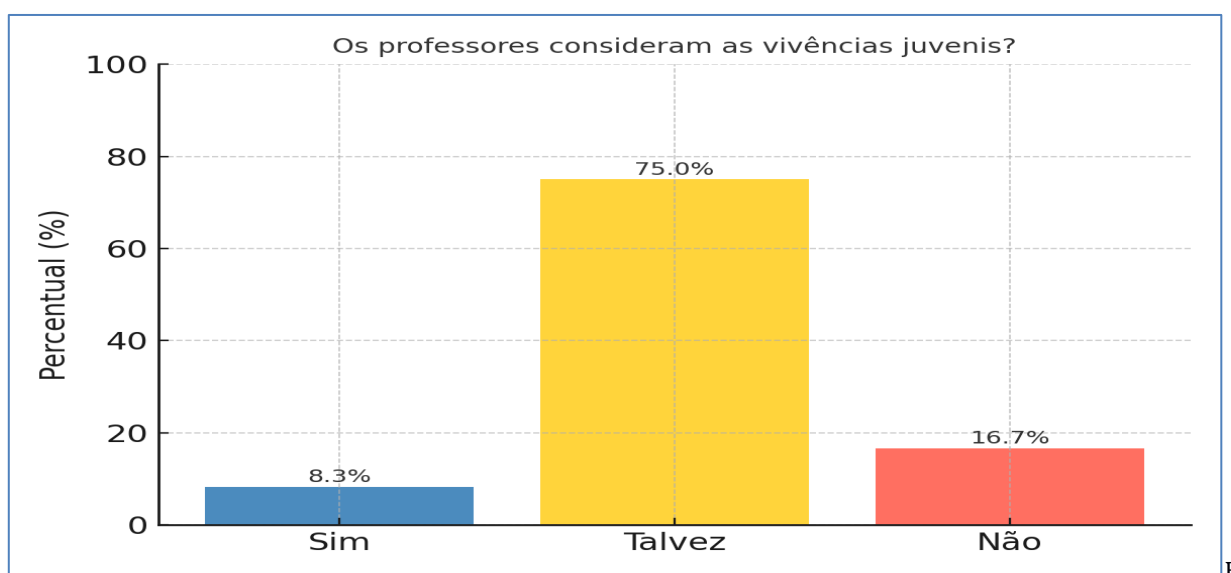
Gráfico 2 – Presença de práticas pedagógicas culturais



Fonte: Dados da pesquisa, 2025.

Em relação à existência de práticas que dialoguem com expressões culturais juvenis, 83,3% dos participantes relataram já ter presenciado ações como apresentações teatrais, oficinas de grafite, rodas culturais e projetos de arte. Esse dado aponta para o surgimento de iniciativas que, mesmo pontuais, têm o potencial de transformar o ambiente escolar em espaço mais plural e significativo.

Gráfico 3 – Consideração das vivências juvenis por docentes

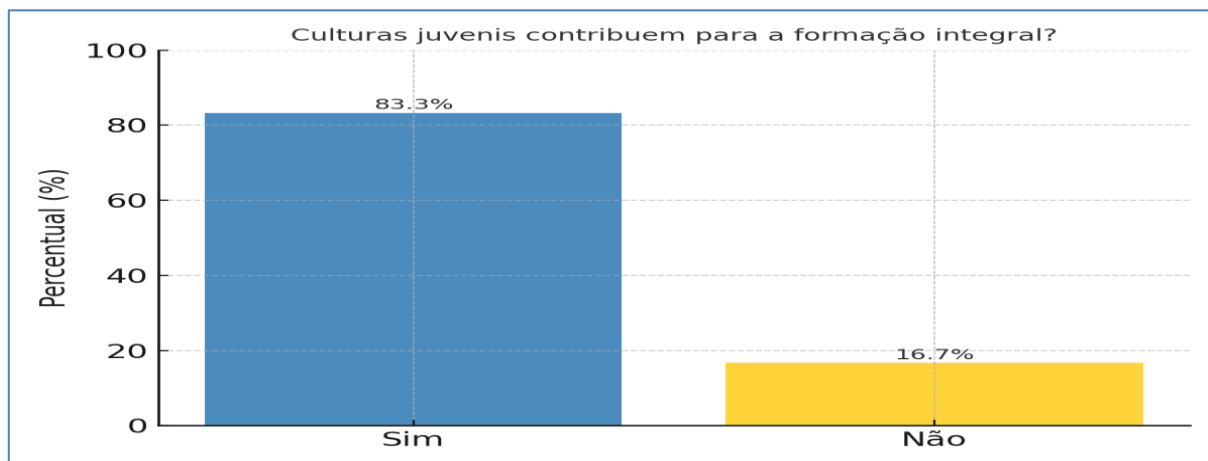


Fonte: Dados da pesquisa, 2025.

Quando indagados se os(as) docentes valorizam efetivamente as vivências juvenis em suas práticas pedagógicas, 75% dos respondentes indicaram a opção "talvez". Isso revela uma

ambivalência nas experiências relatadas, demonstrando que, apesar de algumas práticas promissoras, ainda não há uma valorização sistemática das vivências dos estudantes como saberes legítimos.

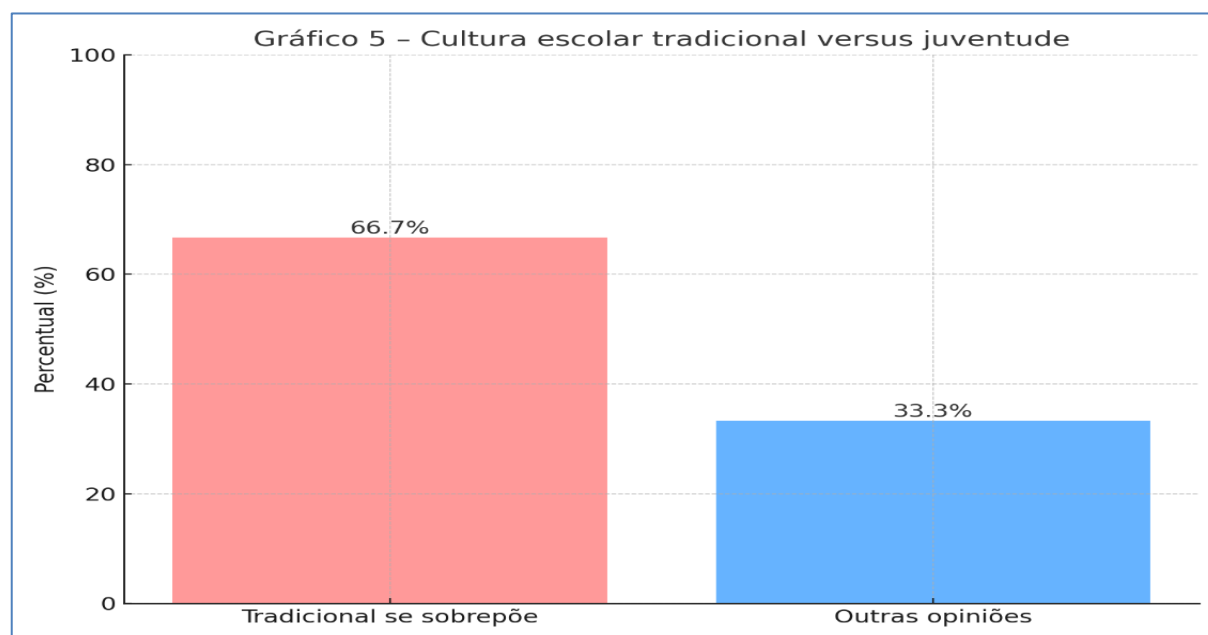
Gráfico 4 – Culturas juvenis e formação integral



Fonte: Dados da pesquisa, 2025.

Para 83,3% dos mestrandos, a incorporação das culturas juvenis ao cotidiano escolar contribui para uma formação mais integral. Esse dado confirma o que autores como Dayrell (2003) e Carrano (2011) defendem: ao reconhecer o jovem como sujeito social e produtor de cultura, a escola amplia sua função formativa para além da transmissão de conteúdos.

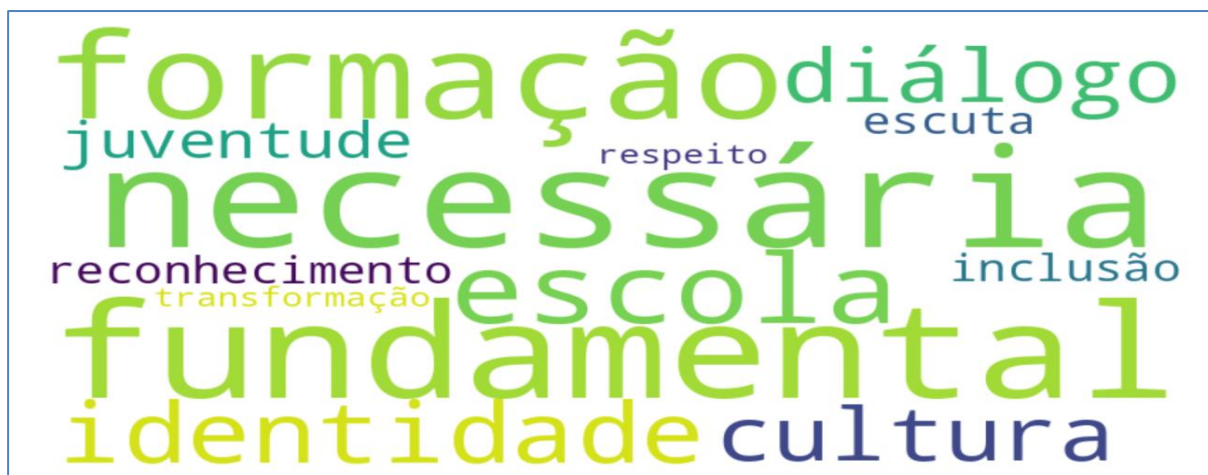
Gráfico 5 – Culturas escolar tradicional versus juventude



Fonte: Dados da pesquisa, 2025.

A pesquisa também revelou que 66,7% dos participantes acreditam que a cultura escolar tradicional ainda se sobrepõe com frequência às manifestações juvenis. O achado denuncia a permanência de práticas excludentes que pouco dialogam com a diversidade de experiências, linguagens e saberes das juventudes.

Figura 1 - Nuvem de palavras: síntese simbólica das respostas abertas.



Fonte: Dados da pesquisa, 2025.

Os participantes foram convidados a escrever, de forma breve, como definiriam a relação entre juventude, cultura e escola. A partir dessas respostas, foi gerada uma nuvem de palavras, na qual se destacam termos como “necessária”, “formação”, “escola”, “identidade” e “diálogo”. Essa representação gráfica evidencia que os sujeitos da pesquisa reconhecem a importância dessa articulação, mas também compreendem que ela ainda é frágil e precisa ser fortalecida no cotidiano escolar.

CONSIDERAÇÕES PARCIAIS

A análise dos dados permite afirmar que a escola se encontra em uma encruzilhada entre práticas excludentes e iniciativas inovadoras. A predominância do modelo tradicional, centrado na padronização e no controle, ainda invisibiliza grande parte das expressões juvenis. No entanto, os dados também revelam a existência de brechas — experiências pedagógicas que reconhecem os jovens como sujeitos culturais e históricos.

Cabe, portanto, aos educadores, pesquisadores e gestores fortalecer essas práticas, promovendo políticas e ações que legitimem as culturas juvenis como parte constitutiva da

escola. Isso implica ouvir, acolher e construir com os jovens uma escola que dialogue com seus territórios, saberes e formas de existir.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escola precisa ser espaço de travessia. Para isso, deve ouvir, acolher e dialogar com as juventudes. As culturas juvenis não são barreiras à aprendizagem; são pontes que conectam conhecimento, território e pertencimento...

Compreender a juventude como uma categoria social vai muito além da teoria. É, sobretudo, reconhecer os corpos, os rostos, as vozes e as narrativas que ocupam diariamente as salas de aula, os pátios escolares e os becos das periferias. Falar de juventude, cultura e trabalho é falar das meninas que cuidam dos irmãos mais novos antes de irem para a escola, dos meninos que vendem balas no sinal para comprar o próprio material, das juventudes que, mesmo com tantas limitações, seguem resistindo e sonhando.

Ao longo deste ensaio, discutimos como a escola — muitas vezes sem perceber — se distancia dessas vivências ao negar a cultura juvenil, ao impor currículos engessados, ao não escutar as inquietações e potências dos jovens. Tal apagamento não é apenas simbólico, é concreto: ela exclui, desmotiva, silencia. E quando o jovem se cala ou se afasta, algo essencial se perde. Porque é na presença viva da juventude que a escola encontra seu verdadeiro sentido.

13

As culturas juvenis são, como vimos, espaços de invenção, de resistência, de pertencimento. Elas são criadas nos becos, nas redes, nas falas rápidas, nas músicas altas, nos trajes ousados. São construções legítimas de saber e identidade. Ao recusá-las, a escola recusa também o diálogo com a realidade. Mas quando a escola decide escutar, quando se abre para o novo e para o diferente, algo extraordinário acontece: ela se transforma. E transforma junto aqueles que nela estão.

Por isso, é urgente repensar o papel da escola. Ela não pode mais ser apenas uma transmissora de conteúdos; precisa ser uma mediadora de experiências, uma facilitadora de encontros, uma ponte entre mundos. A formação integral só acontece quando o conhecimento dialoga com a vida, quando a teoria encontra a prática e quando o aprender se torna também um espaço de afeto e acolhimento.

Da mesma forma, a articulação entre juventude, educação e trabalho precisa ser vista sob uma nova ótica. Não basta preparar o jovem para um mercado excludente. É necessário formar sujeitos críticos, capazes de transformar as estruturas que os oprimem. Isso passa pela

valorização do território, pela inserção produtiva digna, pela democratização do acesso à cultura e ao saber. Passa, sobretudo, por reconhecer que o jovem é protagonista — e não apenas alvo — das políticas educacionais.

Como proposta futura, é fundamental investir em pesquisas e práticas que deem visibilidade às experiências escolares que estão dando certo. Muitas escolas têm criado caminhos inovadores, conectando educação com arte, cultura, território e cidadania. Mapear essas experiências, sistematizá-las e disseminá-las pode ser um passo decisivo para repensar o fazer pedagógico.

É preciso também fortalecer o protagonismo estudantil, garantindo espaços reais de participação nos projetos pedagógicos e na gestão escolar. Quando os jovens têm voz, suas demandas ganham forma, e a escola se torna mais justa, mais diversa, mais significativa. A educação não deve ser feita para os jovens, mas com os jovens.

Por fim, deixo este ensaio como um convite. Um convite à escuta, ao diálogo e à construção coletiva. A juventude não é o futuro distante que estamos esperando. Ela é o agora que pulsa nas ruas, nas salas, nos muros, nas telas. E se a escola quiser permanecer viva, ela precisa aprender a dialogar com esse presente urgente, criativo e transformador.

Educar, afinal, é um ato de esperança. E não há esperança mais potente do que aquela que nasce quando um jovem se vê reconhecido, respeitado e estimulado a sonhar e construir seu próprio caminho.

REFERÊNCIAS

CANDAU, Vera Maria. Diferenças culturais, cotidiano escolar e práticas pedagógicas. *Currículo sem Fronteiras*, v. 11, n. 2, p. 240-255, jul./dez. 2011.

CARRANO, Paulo Cesar Rodrigues. *Juventudes e cidades educadoras*. Petrópolis: Vozes, 2003.

CARRANO, Paulo Cesar Rodrigues. O ensino médio na transição da juventude para a vida adulta. In: FERREIRA, C. A. et al. (Orgs.). *Juventude e iniciação científica: políticas públicas para o ensino médio*. Rio de Janeiro: EPSJV, UFRJ, 2011. p. 34-49.

CARRANO, Paulo Cesar Rodrigues; DAYRELL, Juarez. Jovens de Brasil: dificuldades de finais de século y promessas de un mundo diferente. *Revista de Estudios sobre Juventud*, México, DF, n. 17, p. 160-203, jul. 2003.

DAYRELL, Juarez. O jovem como sujeito social. *Revista Brasileira de Educação*, n. 24, p. 40-44, 2003.

MARGULIS, Mario; URRESTI, Marcelo. *La juventud es más que una palabra*. Buenos Aires: Biblos, 2000.

MARTINS, Carlos Henrique dos Santos; CARRANO, Paulo Cesar Rodrigues. A escoladiante das culturas juvenis: reconhecer para dialogar. Educação, Santa Maria, v. 36, n.1, p. 43-56, jan./abr. 2011.

MOREIRA, Antonio Flávio; CÂMARA, Michelle Januário. Reflexões sobre o currículo e identidade: implicações para a prática pedagógica. In: MOREIRA, Antonio Flávio;

SANTOS, Rosane Barreto Ramos dos; QUEIROZ, Paulo Pires de. Práticas pedagógicas interculturais: (re)conhecendo as diferenças em sala de aula. Educação (Revista do Centro de Educação da UFSM), Santa Maria, v. 46, e40573, p. 1-18, 2021.

SPOSITO, Marília. Algumas hipóteses sobre as relações entre movimentos sociais, juventude e educação. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 22., 1999, Caxambu. Anais...Caxambu: ANPED, 1999.

WALSH, Catherine. Interculturalidade crítica e pedagogia decolonial: in-surgir, re-existir e re-viver. In: CANDAU, Vera Maria (org.). Educação intercultural na América Latina: entre concepções, tensões e propostas. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2009. p. 12-42.